



Ciência, jornalismo e sociedade: caminhos para serem retomados

Science, journalism and society: way to follow

Wilson Carlos da Silva¹
Viviane Maia Vilas Boas²

Durante a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) de 2023, os pesquisadores foram unânimes ao afirmar que a ciência brasileira saiu da UTI, mas ainda está longe de respirar aliviada. É preciso que se percorra um longo e duradouro caminho para a reconstrução dos sistemas nacional de ciência e de tecnologia, após os desmandos e desmontes dos últimos anos de governo.

O sucateamento da educação e a falta de investimentos em ensino e pesquisa, o mau uso das tecnologias e das mídias por grupos sociais e políticos, o negacionismo e o descrédito na ciência e nos cientistas, são marcas desse desmonte

e com consequências duradouras. Além disso, os desafios da área fazem parte de uma sistema maior, ou seja, não se trata apenas da reconstrução de ciência e tecnologia, mas do país como um todo, que depende de ambas para se reerguer e projetar-se para o futuro.



Renato Janine Ribeiro
Foto: Revista Pesquisa Fapesp

¹ Estudante do curso de Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). E-mail: visitar.mg@gmail.com

² (2) Professora e coordenadora do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: vivianemaia@pucminas.br



Para aguçar as discussões e reflexões sobre estes males, bem como sobre as possibilidades que se abrem, ouvimos o ex-ministro da Educação, professor Renato Janine Ribeiro. Com inúmeros livros publicados e nascido em Araçatuba (SP), Janine é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), onde leciona Ética e Filosofia Política, e iniciou recentemente o segundo mandato como presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Nesta entrevista, o professor Renato Janine, conferencista principal do 46º Ciclo de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, se aprofunda em questões fundamentais para se pensar os papéis da ciência, do estado, da sociedade e do jornalismo em busca da reconstrução e da retomada do conhecimento.

Como é ser presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência no contexto de desmonte da Ciência que presenciamos no último governo?

O nosso mandato é curto, pois dura dois anos com uma possível reeleição e estou iniciando o segundo mandato da minha gestão. Se você estivesse me fazendo essa pergunta há dois anos atrás, na minha primeira posse como presidente, eu diria que realmente era muito preocupante. Na verdade, eu até relutei dois anos atrás em concorrer à presidência da SBPC, não por medo ou receio de enfrentar brigas, mas porque eu não queria ter contato com o governo passado, não queria lidar com ministros e nem com outras pessoas ligadas àquela gestão. Então, acabou sendo menos ruim do que eu pensava nessa parte digamos, humana. Primeiramente porque eu não tive nenhum contato com os ministros da educação do governo passado, que eram lamentáveis. Com os ministros da ciência até dava para dialogar. Eu falei com o astronauta, uma pessoa educada, que sabe que a terra é redonda, diferente dos ministros que chefiaram a educação. O João Paulo Alvim, que cumpriu os últimos meses como chefe quando o astronauta saiu do Ministério de Ciência e Tecnologia para concorrer ao Senado por São Paulo, é funcionário de carreira e conhece melhor as coisas. O problema maior não era o contato que a gente precisava ter, e sim a política do governo mesmo, negacionista em todos os planos: da ciência, da verdade e da ética. Todos esses pontos ruins coexistiam no antigo governo e foi uma coisa muito difícil, mas ao mesmo tempo eu acho que a gente cumpriu uma missão importante na SBPC. Quando eu concorri à presidência da Sociedade, havia um outro candidato, uma pessoa muito digna. Mas



o que eu coloquei de diferente, o que eu propus com destaques é que não se tratava apenas de oferecer uma resistência ao desmonte. Precisava-se de propostas alternativas positivas: o que é que a gente fará no lugar deles? Qual projeto a gente tem pelo Brasil?

E como SBPC enfrentou o desmonte promovido pela Política recente?

Fizemos uma série de encontros de estudos do começo do ano passado com a professora Fernanda Sobral, que era a nossa vice-presidente, para pensar e elaborar o que a gente chamou de “Projetos por um Novo Brasil”. Esses seminários são bons, mas têm um problema, pois quando a gente reúne pessoas para protestar ou para apresentar propostas, acabam gerando uma série de demandas e essa lista às vezes fica, vamos por assim dizer, apenas como uma relação de compras de supermercado... uma *shopping list*. Então “eu peço, sei lá, mais salário”, “eu peço que pinte um imóvel”, sugerem... É um “peço isso e peço aquilo”, mas não tem organicidade. Então acho que esse é o ponto, pois tentamos dar organicidade às ações que procuramos fazer. E imprimir organicidade está como meta principal da SBPC, mas que se associa com todos outros temas da nossa revista, que se chama *Ciência e Cultura*, que já tem setenta e quatro anos. Então tem a cultura e a educação, pois você não tem ciência sem educação. Saúde é a área para a qual a ciência mais trouxe frutos positivos dobrando as expectativas de vida de quem está nascendo, isso em apenas um século. Pessoas nasciam com uma expectativa de vida de quarenta anos em 1900 e em 2023 esperam viver quase oitenta, isso no mundo inteiro, incluindo o Brasil. Se olharmos bem, a expectativa de vida no Brasil e nos Estados Unidos em 1900 eram bem diferentes e atualmente não estão significativamente distantes. Aliás, diferenças são ainda grandes somente se forem comparadas com as realidades de povos muito sofridos de alguns países muito pobres e miseráveis da África, que atravessam a guerras civis, por exemplo. Todos esses assuntos estão interligados! Meio ambiente: você não pode pensar a saúde hoje só do ser humano e sim ela como um todo, o que o pessoal chama de *one health*, o que quer dizer uma única saúde para o ser humano e para o planeta. É a mesma saúde que a gente tá lidando. Então acho que esse ponto é importante em termos de foco. Eu queria acrescentar uma coisa, que por ser minha área a Filosofia Política, um dos que eu li muito foi o Karl Marx, tenho muitas dúvidas sobre a possibilidade do Socialismo e assim eu não posso



dizer que eu seja marxista. Mas a coisa mais importante que eu vejo em Marx, é que ele sai de uma ideia distributivista para apresentar uma proposta na qual o essencial é mexer na produção. A questão central nesta ideia é não simplesmente querer mais dinheiro, maiores salários, melhores férias e melhores planos de saúde. O foco do Marx é que a classe operária tem que se tornar sujeito da história e isso significa ela deve tomar poder. E o que eu tiro disso? Porque a grande novidade em Marx é você olhar as coisas sob o ângulo do poder, ou seja, o que é que nós faríamos se estivéssemos no poder. É uma visão literalmente muito mais empoderadora do que reivindicadora, e quase todos os movimentos sociais que eu conheço são reivindicadores, sendo que Karl Marx vai além disso. Uma visão conservadora a qual poderíamos chamar de governabilidade, sempre foi, por exemplo, o foco do PSDB, no caso particular da política brasileira. É também o foco da mídia e do capital. Como você quer a governabilidade, isso significa que você não pode atender as pautas reivindicadoras porque elas colocam tudo em perigo e no limite, isso é a defesa da postura do Banco Central mantendo juros superelevados, mesmo que o país se dane. Agora, o interessante é ser o dono do poder, mas sem ser “governabilista”, vamos dizer assim. A questão não é como se mantém o sistema funcionando e sim como se modifica o sistema pelo seu cerne, que é mudando para os focos do poder e da produção.

Como está sendo a relação da SBPC com o atual governo?

Agora estamos numa fase melhor, porque realmente temos um governo com o qual dá para dialogar e que a gente acredita nas intenções deles. Então eu penso que a situação melhorou bastante, mas ainda está muito preocupante, bastando ver os casos das chacinas cometidas pela polícia em São Paulo, na Bahia e no Rio de Janeiro nos últimos dias. Cada um desses três estados teve mais de dez pessoas assassinadas, certamente a maior parte delas de inocentes e mesmo que fossem culpadas, não era o caso matá-las e sim de prendê-las e julgá-las. E essas chacinas trazem um outro ponto também muito preocupante, que diz respeito à visão de boa parte dos populares sobre elas. Há uma parte da opinião pública que acha maravilhoso matar o que eles chamam de bandidos, não importando se a pessoa for inocente. Inclusive eu chamo atenção para o seriado Rota 66, que estreou recentemente na Globoplay, que mostra a luta do



jornalista Caco Barcellos há mais de quarenta anos contra a os assassinatos cometidos pela polícia paulista, mas que infelizmente ainda é muito atual.

O senhor concorda que hoje vivemos dois extremos de discursos: de um lado o cientificismo, com forte e descontrolado apego à validação do que somente é confirmado via métodos científicos, e de outro o negacionismo?

Eu não concordo que sejam dois extremos, pois de um lado temos o negacionismo e do outro o compromisso da ciência como também temos o compromisso do Jornalismo com a verdade. Então a ciência não é um extremo. É a convicção e a postura segundo a qual, racionalmente e com base em pesquisas você pode descobrir verdades sobre os fenômenos. Verdades que não abrangem tudo, tendo muito o que se pesquisar, pois sempre há pontos de dúvidas e de questionamentos que exigem permanente confirmação e sustentação, mas a ciência deve ser sempre a base comum. Por exemplo, não há dúvidas de que no dia vinte e dois de abril de mil e quinhentos, uma esquadra portuguesa aportou onde hoje é o sul da Bahia, pois isso é um fato, atestado e tudo mais. Nós podemos discutir se chamamos de descobrimento, de invasão, do que seja. Podemos discutir um monte de coisas a respeito, mas nós temos que partir de um fato, como partimos do fato de que agora por exemplo estamos de dia, são quase 10 horas da manhã, e está fazendo sol aqui em São Paulo. Então são fatos! Isto posto, nós podemos discutir o que eles significam longamente. A ciência tem que ter uma base comum, assim como por exemplo o jornalismo funciona, tendo que transmitir de uma base comum. Então digamos que Lula foi eleito em 30 de outubro de 2022, tomou posse em primeiro de janeiro de 2023 e os governadores eleitos são fulanos e beltranos. Esses fatos nós podemos interpretar de mil maneiras, inclusive, por exemplo, entender que em certas eleições houve fraudes, mas não fraudes nas urnas, que comprovadamente estão certas. Ou, se em 2018 a eleição se realizou por uma grande fraude que foi impedir o candidato favorito nas enquetes de opinião de concorrer e dessa maneira viabilizar a eleição de um candidato que não teria sido eleito se a eleição tivesse sido livre e limpa. É claro que há pessoas que podem interpretar certos fatos de outras maneiras, mas não podem deformar os fatos e eu penso que a ciência não está do lado de nenhum extremo. Que existem coisas que a ciência não cobre, é verdade, e são de duas ordens. Primeiro, que toda



ciência sabe de sua ignorância e este é um ponto importante que o escritor Yuval Harari enfatiza, mas sem ele perceber que está apenas repetindo Sócrates. Harari diz que nós nunca tivemos tanta noção de quanto desconhecemos e é isso que permitiu que tenhamos uma ciência mais ampla do que em qualquer tempo no passado. O que ele não percebe é que com isso ele somente repete o “eu só sei que nada sei” do nosso grande filósofo. Então, essa ideia de que, primeiro: ciência não cobre tudo mas pode vir a cumprir tudo? Não sei! No segundo ponto, quando nós entramos com a questão dos valores, eles não são propriamente ciência. A busca do bem, por exemplo, posto que o bem é uma questão ambígua, pode ser interpretada de várias maneiras mesmo quando analisado politicamente, pois nas políticas democráticas você tem um confronto entre uma visão mais liberal e mais individualista, e uma visão mais social e mais cooperativista. Quando você tem essas duas visões em confronto, você escolha entre uma e outra e isto não é uma matéria de ciência, não é lógica, é uma questão de preferência de identificação de valores e modo de ser. Assim, uma pessoa de uma sociedade mais concorrencial vai ser liberal enquanto outra pessoa que tenha vínculos mais sociais vai ser, talvez, socialista, e ambas são utopias. Por exemplo, falam muito do socialismo como uma utopia maravilhosa mas o liberalismo também é uma utopia porque a ideia de um ser humano sem vínculos sociais é apenas uma ideia. Não existe! Agora, um problema grande não só no Brasil, mas mundo afora, hoje, é que cresceu muito o negacionismo e com isso você deixa de ter dois polos decentes. Para ter democracia, precisa-se ter dois polos, um mais à esquerda, outro mais à direita, e ambos democráticos. Quando a direita foi cedendo lugar à extrema direita como aconteceu no Brasil, nos Estados Unidos, na Itália, na Polônia, na Hungria e na Índia, a coisa fica muito complicada.

Mas se pegarmos, por exemplo, a Medicina, que goza de forte prestígio popular, durante a pandemia presenciamos médicos adotarem uma postura negacionista, com a prescrição de medicamentos sem comprovação de eficácia. Como explicar?

Não tem sentido uma pessoa que tem um compromisso com a saúde e a vida das pessoas, que fez o Juramento de Hipócrates, vir negar evidências científicas. Nós temos uma tradição de dar liberdade ao médico para prescrever, de não obrigar a propor determinados remédios. Mas se



ele prescreve sistematicamente aquilo que vai trazer morte ou que não vai resolver a doença, está tão errado quanto um engenheiro que constrói uma casa que cai e como um advogado que não defende adequadamente o seu cliente. A profissão liberal não significa uma liberdade, um privilégio de fazer o que quiser.

Como a SBPC pode então ajudar a combater posturas anticientíficas?

A SBPC não é uma agência de governo e sim uma sociedade de cientistas e de amigos da ciência. Trabalhamos com nosso veículo de divulgação científica que é a revista *Ciência e Cultura*, temos órgãos de ciências, temos o *Jornal de Ciências* e outras publicações, e realizamos atividades como, por exemplo, ir às escolas para falar de ciências. Mas nós não podemos fazer os papéis dos órgãos de estado, pois basicamente esse é o trabalho das entidades de educação, das escolas, das universidades e também de uma secretaria especializada no Ministério de Ciência e Tecnologia. Nós apoiamos estes trabalhos porque o acesso ao conhecimento científico é emancipador, ele liberta as pessoas de preconceitos e as capacita a irem mais longe, isso valendo tanto para a vida profissional quanto na vida pessoal.

A produção científica brasileira tem reconhecimento em países de avançada tecnologia e grandes investimentos em ciência?

Sim, somos muito bons em várias áreas. Basicamente o que o Brasil fez foi colocar a pesquisa vinculada à pós-graduação de modo que os laboratórios e os pesquisadores são avaliados na medida em que eles formem mestres e doutores. Direcionou-se a produção científica à publicação de livros nos casos das ciências humanas e dos *papers*, nos casos das demais ciências. Associou-se a produção científica à formação de alunos que vão continuar este mesmo caminho para que o Brasil alcance uma coisa muito positiva que é a renovação dos quadros de pesquisadores. Porque se nós tivéssemos só institutos de pesquisa sem estarem acoplados aos programas de mestrado e doutorado, teríamos um problema, já que a renovação seria mais precária. Assim, nós conseguimos fazer esse caminho bem e não é sem razão que há um único nível da educação Brasileira que se compara aos padrões internacionais que temos, que é a pós-



graduação. Isto por causa da avaliação da CAPES, que é rigorosa e exigente, mas não é para humilhar ninguém. O que a CAPES veio fazer, foi, se determinado curso está indo mal, ela faz notificações, adverte e dá sugestões sobre o que fazer para melhorar. Eventualmente, e se for o caso, fecha-se o curso, mas o percentual de fechamento é muito baixo. Quando eu fui diretor de avaliação nós fechamos acho que de 1% a 2% dos cursos, sendo que nos anos 90 fechava-se 5%, bem mais então, mas ainda assim, um corte baixo no universo total. Também, quando alguém idealiza um curso e a gente nota que a proposta é ruim, mas a gente percebe que há ali mesmo possibilidades de se fazer melhor, nós orientamos para aperfeiçoamentos. Eu introduzi uma orientação pelas visitas pedagógicas e determinava que as pessoas que conhecem bem do sistema de pós-graduação procurassem as deficiências daqueles programas e os ajudassem então a melhorar. Finalmente, adotamos também o critério de solidariedade, segundo o qual, um programa para chegar a nota 6 ou 7 tem que colaborar com os programas mais iniciais, mais fracos, com mais problemas. Isto é para evitar uma guerra de todos contra todos, quando, para eu conseguir a nota máxima, eu empurro outros para baixo. É um sistema muito bom, que prima pelo critério de valor da qualidade, que é fundamental. Não se pode ter pesquisa sem critérios de qualidade porque é esta que define, uma vez que na pesquisa e na ciência, assim como nas artes, há uma diferença muito grande entre o que é bom e o que é ruim.

O senhor entende que de um modo geral a maioria das pessoas percebem o cientista e a ciência como coisas que estão muito distante delas?

Sim, percebo. No caso do Brasil ainda há um agravante para isto, que é o fato de que existe uma campanha constante contra a educação: o Brasil é um país que tem uma campanha contra a educação. Você vê que na mídia a educação raramente é apresentada como algo positivo. Por exemplo, num filme que nem brasileiro é, “Universidade Monstros”, a bibliotecária é um polvo, que pega quem está falando e joga para fora da sala. É engraçado? Tudo bem! Mas vamos dizer não é uma conduta que você admire e que você aplauda. Também, em alguma novela, se alguém diz que tem que ir pra faculdade ou pra escola os outros sentem uma espécie de pena. Mas se a pessoa vai pra praia ou pra balada, é muito legal. É claro que toda essa forma a dar um destaque positivo ao lazer e ao entretenimento, mais até ao entretenimento, e coloca a transmissão do



conhecimento como uma coisa negativa. Então existe essa imagem ruim do professor e do pesquisador no Brasil, o pesquisador que também é professor.

Essa imagem se torna pior em um ambiente permeado por notícias falsas ou deformadas. Qual é o papel do Jornalismo em relação à divulgação da ciência?

O Brasil melhorou muito nesse ponto e temos hoje jornalistas científicos de alta qualidade tomando como base as publicações que eu leio, como as do Marcelo Leite e do Reinaldo Lopes, que são pessoas qualificadas, sendo que há vários outros. Nesse ponto ficou muito melhor, pois no passado eram jornalistas generalistas que iam cobrir as pautas e obviamente cometiam erros que tornavam a interlocução entre academia e a imprensa periclitante, pois os profissionais tinham medo de dizer algum absurdo, o que acontecia. Melhorou também com outra coisa importante que foi a chegada das redes sociais digitais, em que muita gente se comunica diretamente com o público. Se sai um absurdo em alguma publicação, você tem uma maneira simples e rápida de contestá-la. No meu livro sobre a minha experiência no Ministério da Educação, que se chama A Pátria Educadora em Colapso, eu conto, inclusive um episódio da TV Globo sobre o programa Ciências sem Fronteiras. A emissora só colocou falas atacando, e uma das pessoas entrevistadas que se não me engano era do estado do Tocantins, logo depois protestou nas redes dizendo ter feito muitos elogios ao Ciência sem Fronteiras numa fala de quase uma hora, mas que foi editada, e somente um pequeno trecho de crítica foi veiculado. O próprio apresentador Chico Pinheiro pediu desculpas, embora não fosse culpa dele. Então veja que em outros tempos, se alguma informação errada saísse na mídia todo mundo receberia como informação correta e emplacaria. E se a pessoa quisesse uma retificação, faria por meio de uma carta que provavelmente seria jogada dentro de uma gaveta, de modo que hoje se tem um equilíbrio melhor em tudo isso. As pessoas falam muito nas redes como difusoras de fake News, mas estas mesmas redes também podem ajudar a restabelecer a verdade e a diminuir o poder extraordinário da mídia, pois também são mídias, só que de outro tipo.